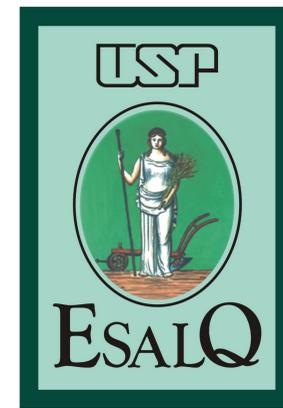




Conversão de floresta plantada, não manejada, em um fragmento florestal natural

Henrique Sverzut Freire de Andrade, Jéssica Bispo do Carmo, Pedro Henrique Martins Alves Pinto, Rafael Aparecido Rodrigues Junior, Orientador: João Carlos Teixeira Mendes

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FLORESTAIS – ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA LUIZ DE QUEIROZ - USP
LCF 0130 - Resolução de Problemas Florestais - 2010



Introdução

A partir de estudos realizados, que evidenciaram a necessidade de um manejo na área das proximidades da represa da micro bacia do Córrego Monte Olimpo, foi proposto um plano de manejo visando garantir a sustentabilidade do local. A área trabalhada é composta por talhões com árvores de aproximadamente 25 anos, o que comprova o potencial econômico do local em meio a uma biodiversidade que se estabelece cada vez mais.

Razões para se efetuar um manejo

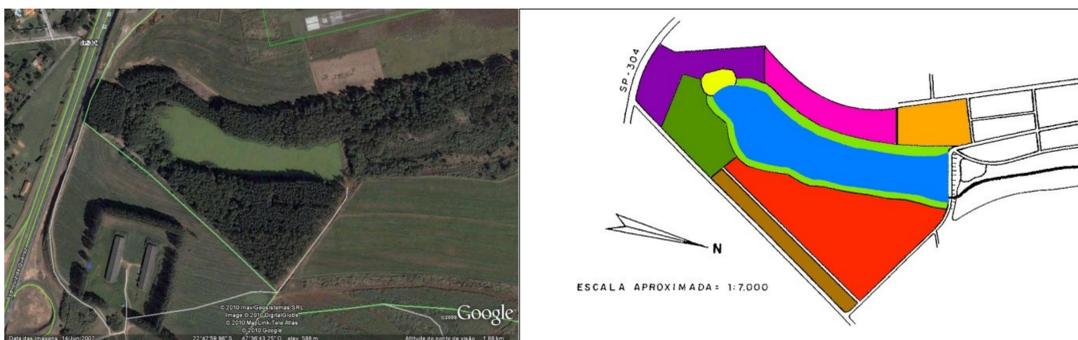
A área em questão apresenta uma série de problemas e fatores que afetam o departamento responsável (departamento de ciências florestais) e o Campus Luiz de Queiroz, quanto a aspectos financeiros, ambientais, produtivos e profissionais. Fica evidente que não cabe a ESALQ, universidade conhecida como melhor universidade de ciências agrárias da América Latina, conter uma área sem manejo, que por sua vez se torna um exemplo visual negativo, pois fica evidente a atual situação de visível abandono do local. Na área em questão, é possível detectar uma série de questões que exigem um plano de manejo, dentre essas questões se é possível citar: a notável perda de potencial econômico, a criação não proposital de um núcleo de propagação de graves invasoras exóticas, uma séria infestação de carrapatos devido ao desequilíbrio local da população de capivaras, além do não aproveitamento de uma rara oportunidade de inclusão de alunos na realização de trabalhos e pesquisas relacionados à sustentabilidade em uma área de fácil acesso dentro do próprio Campus Luiz de Queiroz.

Manejo da área

As operações de manejo apresentadas são meras propostas do grupo sob orientação de profissionais. As propostas foram pensadas para que haja benefícios para a ESALQ e para o departamento responsável pela área trabalhada pelo grupo.

Em toda a área trabalhada, foi evidenciado que todo o manejo inclui uma manutenção, que se resume a uma retirada de espécies exóticas (gramíneas e invasoras como a leucina, a mamona e o ipê de jardim) que são de certa forma agressivas para um ecossistema ou uma cultura agrária. O trabalho realizado pelo grupo não se aprofunda quanto às especificidades dos agentes químicos que devem ser utilizados.

A área foi dividida em partes com cores diferentes para facilitar a visualização das propostas elaboradas pelo grupo.



“Cabeceira” da nascente (área roxa)

Trata-se de uma área composta por um talhão de *pinus caribaea car* com idade de aproximadamente 21 anos. O manejo proposto para essa área se resume em uma extração gradual da madeira exótica ali existente, acompanhada de uma regeneração incentivada com a implantação de mudas nativas e o aproveitamento de elementos do sub-bosque. A extração de madeira exótica juntamente com a implantação de mudas nativas, deve ser realizada gradualmente no sentido norte-sul, afastando-se cada vez mais da represa e sua nascente, evitando um severo impacto aos corpos d'água.

Margem sul da represa (área amarela)

Trata-se de uma pequena e estreita extensão do talhão existente na área denominada “roxa”. A proposta para essa área é realização de um corte raso da madeira exótica, focando-se em uma regeneração nativa incentivada pela implantação de mudas nativas e aproveitamento do sub-bosque nativo.

Área de preservação permanente (área verde claro)

O manejo a ser efetuado nessa área se baseia no controle de exóticas, o que inclui gramíneas, rebrota de eucalipto e controle de demais invasoras (principalmente leucina, mamona e ipê de jardim). Por se tratar de uma APP, o manejo deve ser o mais delicado possível, devido à sua proximidade em relação à represa. Tal manejo visa acelerar a sustentabilidade local, retirando os impasses para uma eficaz colonização nativa na APP.



Exóticas na APP, mamona e ipê de jardim (à esquerda), rebrota de eucalipto (à direita).
(Fotos: Henrique S. F. de Andrade)

Mata ciliar da nascente (área verde escuro)

Essa área é composta por vegetação em grande parte nativa. Nessa área não há cultura florestal, se trata de uma “capoeira” que atua como mata ciliar da nascente da represa, portanto o manejo para essa área se resume em uma simples manutenção (controle de exóticas, principalmente as invasoras).

Conversão em floresta natural (área rosa)

Nesta área é proposto o aproveitamento do sub-bosque que é denso, e assim conciliar a regeneração natural com a regeneração artificial (adensamento e enriquecimento em ilhas de diversidade).

Conversão em floresta natural (área laranja)

O sub-bosque existente além de ser infestado por árvores invasoras e gramíneas tem pouca diversidade nativa, com isso, propõe-se fazer o corte raso e uma implantação de essências nativas da floresta estacional semidecidual.

Arboreto (área marrom)

Nessa área propõe-se a criação de um arboreto, que nada mais é que, uma exposição de árvores. Para isso deve-se dividir essa área em pequenos talhões, cada talhão com uma espécie diferente, sendo assim, poderemos implantar várias espécies. O arboreto servirá para ajudar pequenos produtores da região, que desejam conhecer o desenvolvimento das espécies com o clima local, além disso será interessante para os alunos conhecerem as diferentes espécies florestais cultivadas.

Manejo Comercial (área vermelha)

Nesta área deverá ser implantado uma espécie ainda não existente no Campus da Esalq. Sendo este plantio acompanhado por pesquisas relacionadas a consórcio de espécies, espaçamento e densidade de plantio. Nesta área também deverá ocorrer o controle de gramíneas e espécies invasoras; além de um acordo com o órgão responsável pela rodovia e a prefeitura de Piracicaba para que ocorra uma obra visando à interrupção do escoamento de lixo até as margens da represa.



Evidente potencial econômico (Fotos: Henrique S. F. de Andrade)

Conclusão

Sendo evidentes as conseqüências da falta de manejo na área, o plano elaborado a partir de conhecimentos profissionais busca mudar o contexto desta. Caso a proposta elaborada pelo grupo não venha a ser estudada pelo Departamento de Ciências Florestais, se faz necessária a elaboração de novas propostas de manejo, caso contrário, convém que a área seja liberada a outras atividades da comunidade esalqueana.

Bibliografia

CRESTANA, M. S. M.; FERRETTI, A. R.; ÁRBOCZ, G. F.; SCHMIDT, H. A. P.; GUARDIA, J. F. C. **Florestas**: Sistemas de Recuperação com Essências Nativas, Produção de Mudas e Legislações. 2. ed. Campinas: Cati, 2004. 216p.

www.dowagro.com.br

www.ipef.br/publicações/seminário_serraria/cap02.pdf

www.istoamazonia.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=193

www.portalamazonia.globo.com/pscript/artigos/artigo.php?idArtigo=387